

Boletim Internacional



Ano VI nº 42 08.11.2006

Fundada a Confederação Sindical Internacional

Trabalhadores do mundo inteiro fundam nova Central Mundial de Sindicatos

Mais de 300 delegados representando sindicatos do mundo inteiro, reunidos em Viena, criaram na semana passada a Confederação Sindical Internacional (CSI), uma nova organização fruto da unificação da Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres (CIOSL) e da Confederação Mundial do Trabalho (CMT).

Dos 70 membros do Conselho Geral, 18 pertencem à região das Américas, dos quais 5 são da América do Norte, 12 da América Latina e 1 do Caribe de fala inglesa.

No Comitê Executivo a região está representada por 2 da América do Norte e 3 da América Latina. Das 18 vagas destinadas aos sindicatos das Américas, três ficarão com organizações brasileiras, entre elas, a CUT.

Divididas há 87 anos, as correntes reformistas e cristãs do sindicalismo internacional se encontram agora reunidas. Depois da dissolução das duas grandes centrais em congressos próprios ocorridos no dia anterior, elas se uniram a outras confederações nacionais independente num congresso para a fundação da nova internacional sindical.

Entre esses sindicatos independentes que reforçam a nova central sindical destacam-se a Confederação dos Trabalhadores Argentinos (CTA) e a Confederação Unitária da Colômbia (CUT), na América Latina e a Confederação Geral do Trabalho (CGT) da França.

Em 3 de Novembro, ultimo dia do congresso, Guy Ryder foi eleito secretario geral da CSI. O Congresso também elegeu um Conselho diretivo de 70 pessoas, com 8 cargos adicionais reservados aos representantes dos jovens e das mulheres.

Depois de formada a equipe dirigente, Guy Ryder disse a respeito de sua eleição: "Sinto-me honrado pela confiança que depositaram em mim os delegados e delegadas do Congresso ao confiar-me este cargo. Amanhã começaremos o trabalho da nova Internacional com esperança e otimismo renovados, com a certeza de sermos mais fortes e não apenas pelo número, mas pela diversidade que conseguimos unificar".

" A palavra solidariedade nunca teve tanto significado e importância como agora. E a solidariedade prática, através de organização e campanhas internacionais, é o que nos propomos a oferecer".

Um dos primeiros atos da recém criada Confederação Sindical Internacional foi ratificar o acordo com as Federações Sindicais Internacionais e a Comissão Sindical Consultiva junto à OCDE (TUAC) para formar o Conselho Global Unions. Entre os objetivos do Conselho está o de promover a sindicalização e defender os interesses sindicais comuns em todo o mundo, através de uma melhor cooperação.

"O Conselho nos permitirá mobilizar as forças de todo o mundo por iniciativas e ações políticas para enfrentar as forças globais que operam contra os interesses dos trabalhadores e de suas famílias", disse hoje Guy Ryder, o novo secretário geral eleito da CSI.

As Federações Sindicais Internacionais representam os trabalhadores e trabalhadoras nos distintos setores econômicos, da educação e dos serviços públicos ao setor industrial, passando pelo comércio e os meios de comunicação. Os metalúrgicos são representados pela Federação Internacional dos Trabalhadores Metalúrgicos, a FITIM.



A nova CSI representa hoje 307 organizações sindicais nacionais de todo o mundo, com um total de 165 milhões de trabalhadores e trabalhadoras afiliadas. É a maior central internacional de trabalhadores da história e o seu propósito é construir um novo internacionalismo sindical.

A ORIT, a organização regional da CIOSL para as Américas e a CLAT, a organização da CMT para a América Latina tiveram uma participação destacada no congresso de fundação da nova internacional.

O processo de unidade não está ainda terminado. As regiões (África, Ásia e as Américas) tem um prazo até 1 de novembro de 2007 para unificar-se conforme disposição estatutária da CSI.

A CUT participa da nova Confederação

O maior desafio, e o mais urgente, da recém-fundada CSI (Confederação Sindical Internacional) será transformar os diagnósticos e resoluções sobre o mundo do trabalho em ações concretas e que ganhem visibilidade, segundo avaliação do presidente da CUT Artur Henrique. “Uma das decisões



tomadas no congresso de fundação da CSI é a de construir um primeiro ato internacional, que funcionará como um marco da capacidade de mobilização da entidade”, diz Artur, que integrou a delegação da CUT que participou do congresso, realizado entre os dias 1º e 3 de novembro, em Viena, Áustria.

O princípio da CSI é fazer frente ao capital globalizado e pressionar e fiscalizar para garantir que os países respeitem direitos trabalhistas dignos já estabelecidos em convenções internacionais, ou que estabeleçam plataformas laborais

onde sequer existem ainda. “É necessária nossa organização para combater barbáries como a existência de 1,4 bilhão de seres humanos trabalhando por menos de dois dólares por dia, ou as mortes notificadas de 2,2 milhões devido a acidentes de trabalho, todo o ano. A humanidade precisa ser lembrada, insistentemente, de que há mais de 12 milhões de escravos no mundo, até que tome para si a tarefa de combater tais absurdos”, avalia Artur.

Para João Felício, secretário de Relações Internacionais da CUT e integrante da delegação que esteve em Viena, a fundação da CSI é um fato histórico. “Nunca o movimento sindical teve uma iniciativa que tivesse tamanha representatividade. E a CSI já formulou diagnósticos muito lúcidos e consistentes sobre o mundo do trabalho. Precisamos agora passar à prática, e isso deve incluir, necessariamente, campanhas e mobilizações internacionais”, afirma.

Por congregarem entidades de diferentes concepções, inseridas em realidades nacionais muito diversas, a CSI já recebe críticas de setores do movimento sindical, por conta de uma suavização de princípios e métodos que seria resultado de acomodação de interesses muito díspares.

Por exemplo: Artur reclamou, em pronunciamento que fez no congresso fundador, da ausência de debates sobre a luta pela terra. “A influência na CSI dos países europeus, que já superaram a questão da reforma agrária há muito tempo, cegou a organização do congresso sobre o tema”, afirma. Para Felício, a agenda dos países pobres e em desenvolvimento precisa ser colocada como eixo central da nova entidade. “As nações desenvolvidas precisam se engajar na pauta dos trabalhadores e ajudar no combate a práticas de países que não adotam legislação trabalhista, piso salarial nem salário mínimo regional, muitas vezes em benefício de corporações sediadas nas grandes potências”, diz.

A secretária nacional de Comunicação Rosane Bertotti, ao falar em plenário, destacou a importância que deve ser dada à construção de uma rede democrática e supranacional de comunicação, sem a qual será ainda mais difícil concretizar as ações propostas. “Há diferentes instrumentos e tecnologias que devem ser utilizadas para uma troca constante de denúncias, experiências e conquistas entre as entidades filiadas”, comenta Rosane.

Maria Ednalva Bezerra Lima, secretária sobre a Mulher Trabalhadora, foi eleita para compor o Conselho da CSI, integrado por sindicalistas de 70 países. Também foram delegados pela CUT ao congresso fundador Quintino Severo, secretário-geral, Rosane Silva, secretária de Política Sindical, Denise Motta Dau, secretária de Organização Sindical, Lúcia Reis, diretora executiva, e Everaldo Augusto da Silva, e Expedito Solaney, também diretores executivos. (com material da Agência CUT, ORIT e ITUC)

Trabalhadores da Gerdau reúnem-se no Brasil

Companheiros do mundo todo discutem melhorias para os trabalhadores da Gerdau esta semana em Porto Alegre

Todos nós que somos trabalhadores da Gerdau, devemos lutar pela melhoria na nossas condições de trabalho. E quando tocamos neste assunto, devemos exigir que a nossa empresa, por ser multinacional, respeite normas que não mudarão apenas a nossa rotina no Brasil, mas também a de colegas canadenses, chilenos, argentinos, americanos, uruguaios, colombianos e espanhóis. Pois todos juntos formam uma rede mundial que geram lucro para uma única empresa e, é claro, devem ser tratados de maneira uniforme.

Por isso, desde 1994, companheiros da Gerdau no Brasil e no mundo reúnem-se periodicamente com o propósito de que a empresa possa cumprir acordos internacionais de trabalho, que têm aspectos básicos estipulados pela FITIM (Federação Internacional dos Metalúrgicos) para a melhoria das condições de trabalho no mundo. São os chamados Acordo Marco Internacionais.

Somente com esses acordos, é que podemos reivindicar direitos igualitários para todos os companheiros, independente do país em que trabalham.

Respeitar e promover os direitos humanos; não praticar e não tolerar discriminação de nenhuma ordem (de sexo, raça, religião, idade, condição física, nacionalidade, orientação sexual, etc.); promover boas práticas de Salário, Jornada de Trabalho, Benefícios, direitos, garantias e condições de trabalho em geral; ter a proteção à Saúde e a Segurança como prioridades máximas nos seus processos de produção e trabalho e respeitar o direito à Organização Sindical; são apenas alguns dos exemplos do que poderemos conseguir com os AMI's. Mas infelizmente, a Gerdau não aceita fazer este tipo de acordo com os representantes sindicais.

Depois do primeiro encontro nacional, em 1994; passamos a fazer encontros e intercâmbios internacionais desde 1998, onde trabalhadores dos EUA e América Latina trocam informações e experiências sobre a realidade de cada planta da empresa. Desde então, foi formado um grupo de ação e estudos empenhado em constituir um Comitê Mundial dos Trabalhadores da Gerdau. Apenas depois da formação deste comitê é que conseguiremos mais força para que possamos pressionar a empresa a aceitar os termos dos Acordos Marco Internacionais, que só no Brasil já são seguidas por 12 multinacionais do ramo metalúrgico, além de uma empresa química. Nós lutamos por esse direitos porque temos o exemplo dos EUA, em que os trabalhadores da Gerdau são submetidos a jornadas de 16 horas de trabalho. Outros exemplos de precarização também acontece nos países da América Latina e pode, por que não, um dia atingir você!

Atualmente, fazem parte do grupo de estudos, os companheiros Fernando Lopes, que além de ser funcionário da Gerdau, é o Secretário Geral da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM-CUT), Valmir Lodi (Brasil); Donello Antonio Ricardo e Rechio Raul Roberto (Argentina); Hugo Dominguez (Uruguai); José Bustos (Chile); Denis Kavanagh e Judith Marshall (Canadá); Pete Savoy (EUA). Estes representantes estiveram no início deste mês na Colômbia e no Brasil, na sede da CNM, discutindo maneiras para que a Gerdau possa chegar a um acordo junto aos trabalhadores.

Vale lembrar que entre os dias 16 e 18 de novembro, acontecerá aqui em Porto Alegre o Encontro Internacional da Gerdau, que além do grupo de estudos, reunirá representantes de todas as plantas da empresa no mundo, para que possa ser colocado em discussão de forma global, a maneira como os trabalhadores da Gerdau devem lutar por melhores condições de trabalho.

Companheiros, é muito importante a nossa união neste momento, pois envolve acima de tudo, as nossas condições de trabalho nas plantas em todo o planeta. Convidamos o presidente empresa, Sr. Jorge Gerdau, que recusou-se a comparecer em nosso encontro mundial. Isso demonstra o pouco interesse que a Gerdau tem em saber quais as dificuldades enfrentadas no nosso dia-a-dia. Por isso, contamos com o apoio coletivo neste momento. Quanto mais apoio recebermos de você, nosso companheiro, mais a Gerdau será obrigada a ouvir a nossa voz e, aí sim, passar a cumprir normas que só trarão benefícios todos nós.

Alcoa : solidariedade além dos continentes

Os sindicatos da Alcoa constroem a solidariedade através do mundo.

A Comissão de Luta da FITIM para a Alcoa realizou recentemente sua primeira reunião na sede do Sindicato dos Trabalhadores Australianos (AWU) em Melbourne. Participaram metalúrgicos da Ásia, Europa, América Latina e América do Norte.

A Alcoa na Austrália emprega 6.200 trabalhadores diretos e uma força de trabalho subcontratada de cerca de 1.500 operários. As suas minas de bauxita em Huntly e Willowdale nos Darling Ranges na Austrália Oriental alimentam suas refinarias em Kwinana, Pinjarra e Wagerup.

Os participantes da reunião discutiram a situação atual em cada uma das regiões e os desafios que os sindicatos estão enfrentando. Na reunião ficou claro que a Alcoa cada vez mais se vê como uma corporação mundial e a estratégia da sua administração é centralizar as decisões e em seguida implementar os seus objetivos através das administrações locais. Os sindicalistas discutiram as maneiras de influenciar a sede da empresa para adaptarem-se à essa estratégia.

Rob Johnston, diretor do Departamento de Não Ferrosos da Federação Internacional de Trabalhadores Metalúrgicos, a FITIM, comentou : " Existe uma forte decisão nos delegados de fazer os sindicatos manterem e aumentarem a influencia que nós temos atualmente na Alcoa. Não importa em qual continente a Alcoa esteja operando mas os trabalhadores tem direito a um tratamento justo e a gozarem de condições decentes de trabalho. O nosso trabalho é garantir que isso aconteça ".

Os delegados também visitaram a fundição em Point Henry onde tiveram a oportunidade de falar com delegados de base da AWU. A assessora da CNM - CUT , Adriana Marcolino, participou da reunião em Melbourne. (FITIM, 09.11.2006)



Organizando as Linhas de Produção

Os sindicatos afiliados á FITIM forjam novas estratégias para pressionar as empresas de eletrônica através de suas marcas a sanarem suas linhas de produção globais.

A Federação Internacional dos Metalúrgicos realizou uma reunião em Cingapura para desenvolver novas estratégias para organizar as linhas globais de produção na industria eletrônica e trocar idéias para criar relações estreitas com redes de associações ativas nesse campo.

Tão rápido quanto as tecnologias desenvolveram-se mudaram os processos de manufatura eletrônica. Hoje são poucos os trabalhadores empregados diretamente pelas empresas de bem conhecidas marcas , como a IBM, Hewlett Packard e a Ericsson. Essas empresas transferiram sua produção para empresas pouco conhecidas como Celestica, Solectron e Flextronics - também grandes empresas multinacionais. As taxas de sindicalização nessas empresas é extremamente baixa e milhares de trabalhadores, a maioria deles mulheres, trabalham sob salários e condições de trabalho muito inferiores aos padrões e sem a proteção de um sindicato.

O encontro foi em Cingapura onde a maioria das empresas subcontratantes tem unidades. Sindicatos afiliados da FITIM do Brasil, Canadá, Hungria, Indonésia, Suécia e Finlândia discutiram os desafios colocados para a organização dessa industria em rápido crescimento. O objetivo do encontro era reunir informação sobre as condições de trabalho, desenvolver estratégias para organizar os trabalhadores e melhorar os padrões de trabalho, desenvolver redes nas linhas de produção da industria eletrônica e discutir métodos alternativos para pressionar as detentoras das marcas a sanarem suas linhas de produção.

A reunião decidiu que o desenvolvimento de redes tanto nas detentoras das marcas quanto nas linhas de produção é crítico, tanto para que os trabalhadores possam trocar informações sobre as condições de trabalho quanto para construir sua força coletiva para conquistar melhorias. A própria tecnologia eletrônica produzida pelos trabalhadores oferece meios para a criação dessas redes através de páginas na internet, blogs e outros meios eletrônicos. os próprios consumidores devem ser informados sobre as condições nas quais seus dispositivos eletrônicos são produzidos. Isso pode ser feito pela FITIM juntamente com ONGs que já estão ativas nesse campo através da recém criada rede eletrônica internacional.

A diretora da CNM - CUT, Emilia Valente (Philips/Manaus) , participou da reunião representando os nossos trabalhadores e trabalhadoras. (FITIM, 07.11.2006)

CNM e CUT em solidariedade a Emir Sader

Nota oficial: solidariedade a Emir Sader

A Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM) e a CUT manifestam seu apoio ao professor Emir Sader e, ao mesmo tempo, denuncia mais uma vez os critérios duvidosos que norteiam no Brasil o conceito de liberdade de imprensa.

Emir, intelectual que tem se guiado pela coerência, foi condenado ontem, em primeira instância, a perder seu cargo de professor e a um ano de prisão (ou de serviços à comunidade), em virtude de ter usado o termo 'racista' em artigo publicado no mês de agosto, em que comentava a célebre declaração do presidente do PFL Jorge Bornhausen, que definiu o PT como uma 'raça' que seria extinta por 30 anos. Além de ter errado, e por ampla margem, em sua previsão, o senador provocou protestos de todos nós, que julgamos sua fala um evidente ato de racismo. Se Emir é culpado, todos nós somos.

Enquanto poderosos grupos de mídia que abusaram do antijornalismo, especialmente ao longo do último ano, reclamam de perseguição apesar de seguirem incólumes em suas peraltices, um juiz dá uma sentença como essa a um pensador que apenas expressou sua opinião - límpida, aliás. O que faremos com os inúmeros articulistas e repórteres que, à sombra das grandes corporações, não se cansaram de destilar as mais diversas formas de preconceito, calúnia, denúncia vazia, omissão de informação e estreiteza de pensamento?

A sentença - que, acreditamos, não passará em nova análise - é um atentado às liberdades individuais e absolutamente injusta. Condenar um professor a perder o cargo devido a suas opiniões está em absoluto descompasso com a democracia, conquista árdua do povo brasileiro.

Artur Henrique

Presidente nacional da CUT

Carlos Alberto Grana

Presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos-CUT

Indignação, quando convém

Diferenças na repercussão da suposta intimidação aos repórteres de Veja e da condenação de Emir Sader

Por Redação CartaCapital

Há várias formas de impedir avanços democráticos em uma sociedade. Um deles, talvez o mais eficiente do ponto de vista de quem defende determinados privilégios, é bloquear a discussão sobre certos temas. No Brasil, os donos da mídia decretaram ser proibido debater seus erros e excessos, desnudar seus interesses ou apresentar, sobre o papel dos meios de comunicação, uma visão diferente.



A respeito, vale citar declaração recente do deputado federal **Ciro Gomes**, eleito com mais de 600 mil votos no Ceará e um dos políticos mais demonizados pela imprensa justamente por ter idéias próprias. Em entrevista ao blog **Conversa Afiada**, do jornalista **Paulo Henrique Amorim**, sediado no portal **iG**, **Ciro** refletiu: "Precisamos ter clareza de que não temos de ter medo de avançar em uma questão substantiva, que é a questão da

democratização dos meios de comunicação. Quando a gente discute esse tema, os que têm o monopólio da mídia vão sempre inventar que isso é autoritário. Não é”.

Dois casos exemplares da última semana mostram como levantar a bandeira da liberdade de imprensa é uma questão de conveniência dos veículos de comunicação.

A suposta intimidação de três repórteres da Veja, convidados a depor na Polícia Federal por causa de uma reportagem, produzida pela própria revista, que revelava um hipotético encontro às escondidas entre Freud Godoy e Gedimar Passos, mereceu editoriais indignados e alentados textos nos principais jornais e emissoras de tevê. Instituições de classe e a sempre atenta OAB lançaram notas a repudiar a “truculência” da PF e a exaltar a liberdade de imprensa. Como de costume.

Sutileza não faz parte da personalidade de policiais. Não há aqui defesa de ilegalidades por parte do aparelho de Estado. Nem se descarta a possibilidade de o delegado que ouviu os jornalistas ter cometido excessos injustificáveis contra cidadãos, qualquer que seja a profissão ou posição social, durante o depoimento.

Mas a situação está no seguinte pé. Em nota oficial, a direção da revista diz que seus profissionais foram intimidados. Também em nota, a Superintendência da PF em São Paulo nega. Em uma terceira correspondência, a procuradora Elizabeth Mitiko Kobayashi, escalada para acompanhar os depoimentos por ser representante de um órgão independente, afirmou que, no seu entendimento pessoal, não houve “qualquer ato de intimidação por parte da PF, o que teria provocado imediata reação de minha parte”.

A repercussão do episódio relativiza, porém, as versões fornecidas pelas partes. Enquanto editoriais e textos tratam as acusações de Veja como expressão da verdade absoluta, as negativas da PF e da procuradora são colocadas no condicional, desde sempre tratadas com salutar espírito crítico e distanciamento. Pergunta: Por que não proceder da mesma maneira em relação às declarações da revista? Por ora, interpretemos a reação em cadeia ao que teria sido um “ataque à liberdade de imprensa” na conta do viés corporativista tão recorrente. Corporativista, diga-se, quando, de certa forma, está em jogo a credibilidade das empresas de mídia.

A mesma solidariedade ou indignação não se nota, por exemplo, no caso da condenação do sociólogo Emir Sader, em processo movido pelo senador pefelista Jorge Bornhausen. Sader, em artigos na imprensa, havia chamado Bornhausen de “racista” por causa da famosa declaração do senador em que ele anunciava “o fim dessa raça”, ao se referir ao PT e a esquerdistas em geral.

O juiz auxiliar da 22ª Vara Criminal de São Paulo, Rodrigo César Muller Valente, condenou Sader a um ano de detenção, em regime aberto, e à perda do cargo de professor na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Cabe recurso.

Inaudita a decisão de Muller, pela tipificação do suposto crime, injúria, que teria sido cometido por Sader. Além do mais, é difícil negar que a frase do senador tenha sido racista, apesar de suas justificativas posteriores. Raras, porém, foram as manifestações de indignação diante do claro excesso do magistrado e da pena desproporcional. Em geral, deram-se em sites e blogs na internet. Nem uma linha em editoriais dos maiores jornais. Não houve sequer um colunista que tenha se comovido. Estes sempre vigilantes quando se trata não de defender um princípio, mas uma companhia. Ou um grupo delas. (Mino Carta) *(Carta Capital nº 0418, 05.11.200)*

CNM Internacional é o boletim informativo da Confederação Nacional dos
Metalúrgicos – CNM-CUT
Secretário Geral da CNM : Fernando Lopes
<http://www.cnmcut.org.br>